

RESUMO

O autor descreve as observações e alguns dados da sua estadia em Timor-Leste em Maio/Junho de 2008, durante 40 dias, em duas a três dezenas de encontros de formação, formais e informais, na área de motivações e desenvolvimento vocacional com uma dezena de grupos. As observações de dados, de reacções espontâneas e intervenções ocasionais foram registadas em abordagem empírica de estudo de caso e de certo grau de action research.

PALAVRAS-CHAVE: LUSOFONIA, DIÁLOGO DE CULTURAS, EUROPA-ÁSIA/PACÍFICO, IDENTIDADE, RAÍZES CULTURAIS

CORTE OBSERVACIONAL DO USO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE NA IDENTIDADE TIMORENSE

Aires Gameiro

Universidade Católica

INTRODUÇÃO

Esta comunicação baseia-se nas observações e alguns dados de estadia em Timor-Leste em Maio/Junho de 2008, durante 40 dias. Foram dezenas de encontros de formação, formais e informais, na área de motivações e desenvolvimento pessoal, social e vocacional para dezenas de grupos em dezenas de locais.

O registo de todas as observações, reflexões e opiniões em abordagem empírica de estudo de caso e de action research deram origem a um livro que poderá vir a ser publicado como um depoimento pessoal com o título “Timor-Leste, uma interpretação” e o subtítulo “Observações, percepções e análise de lusofonia emergente”.

O autor termina com alguns pontos conclusivos.

CONCORRÊNCIAS LINGUÍSTICAS

Após a independência proliferaram as universidades, correndo voz de que chegariam a cerca de vinte a funcionar em indonésio, em português e em inglês.

Não pude verificar o acerto destas vozes nem a de que o valor dos diplomas estava pelo preço da chuva e se compravam diplomas com certa facilidade. Pode rezeir-se que se vão produzir erros semelhantes aos de há trinta anos para cá em Portugal, com muitos cursos de papel e lápis e fornadas de diplomados para o desemprego.

Por outro lado faltam técnicos e operários especializados competentes e não se observam centros de formação e escolas para aí voltadas.

Estas dúvidas não impedem a boa impressão com a azáfama de alunos a caminhar para as escolas primárias, secundárias e superiores, e com toda a movimentação à volta do ensino do português, inglês, direito, engenharias, etc.

Salta à vista um pouco por todo lado a concorrência entre o português e o inglês; e entre o tétum e o indonésio.

O português, como língua instrumental para a aprendizagem da história, ciências, filosofia e teologia, é um imperativo para um povo a quem

foi imposto o indonésio (língua sem articulação gramatical como o tétum) durante 24 anos, mas tem que vencer muitos obstáculos.

Um sacerdote, director de escola secundária, estava confiante: “o português a ser usado como língua instrumental do ensino das outras disciplinas há três anos”, dizia, “vai suplantará o indonésio em pouco mais de cinco anos”. Às crianças que passavam por mim não lhes faltava vontade de mostrar resultados mas pouco mais diziam que “bom dia, amo (Padre)!”

Não faltavam outros menos optimistas devido ao predomínio do comércio e a abundância de lojas e negócios dos indonésios em Timor; e aos seus programas e telenovelas em indonésio na TV. Pensam que vai continuar uma concorrência feroz. Por outro lado o inglês, apoiado na forte presença australiana e nas agências internacionais, vai concorrer com a implantação do português. Em Lautem, por exemplo, diziam-nos, há ofertas de cursos gratuitos de inglês para toda a gente.

OBSERVAÇÕES NO TERRENO EM MAIO-JUNHO DE 2008

Nas minhas acções de formação sobre desenvolvimento pessoal e social, construção da identidade positiva e da auto-estima a variados grupos, num país com tantas carências e tantas potencialidades, insisti na necessidade de projectos de excelência e rigor a todos os níveis, incluindo no domínio da língua portuguesa.

No interior montanhoso e isolado de Laclubar, Soibada, etc., os conhecimentos de geografia, história e línguas podem fazer alguma diferença para vencer esse isolamento.

Apesar das muitas escolas a funcionar, e das que funcionaram já no tempo indonésio, surpreende verificar como poucas produzem técnicos e operários competentes que saibam *fazer* alguma coisa das muitas que o país precisa, para se desenvolver, como da comida para a boca. Surpreende também que à falta de técnicos o país continua a usar quase só a ferramenta tradicional, a catana; e quase só fabrica objectos de artesanato como há séculos. Vi uma agência japonesa descarregar a oferta de dezenas e dezenas de ferramentas agrícolas em *suko* da montanha: pás, enxadas, picaretas, pedoas, forquilhas...

Quase não se vêem carpinteiros, serralheiros, electricistas, pedreiros... e as construções de aldeia e os métodos de cultivo pouco têm evoluído há séculos. Um mestre carpinteiro, ido de Paredes para dar treino na carpintaria diocesana de Baucau, dizia-me que Timor não pode ir muito longe no desenvolvimento sem enfrentar estas lacunas. Não via projectos nem mestres nestas áreas, sendo quase o único mestre carpinteiro para todo o país. Exagero?

Bastará só o artesanato tradicional, como há quinhentos anos? Só cooperantes de papel, lápis e secretária em gabinete?

As mudanças mais rápidas são os modismos no vestir com roupas importadas. Mesmo no interior das montanhas o vestir dos jovens já não se distingue do dos países europeus. Diferenças, só nos preços e nas colossais etiquetas em inglês/americano, como se todos os *sukos* fossem aldeias americanas. Também aqui a língua portuguesa perde com a concorrência.

Uma observação positiva está no facto de Timor continuar a manter sua originalidade e resistência a muitos figurinos, mas não a todos, como se vê. Tem recusado repetidamente saltos fracturantes, mantém uma continuidade impressionante com mudanças de ritmo lento, lentíssimo. Tão lento que se torna exasperante para o europeu. Está aqui a sua fraqueza e a sua força: fraqueza na mudança, força na continuidade.

HISTÓRIAS DO ESTADO DA ARTE DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA OFICIAL

Logo no encontro da pastoral da criança em Laleia, no dia 23 de Maio de 2008, tive a surpresa de ver a ginástica difícil de os participantes funcionarem em tétum, português e inglês. E isto num clima de trabalho entre timorenses, brasileiras, portuguesas e funcionários internacionais da UNICEF. Quando estes se juntaram aos trabalhos as dificuldades cresceram com as muitas tentativas de traduzir expressões novas para gente do Nepal e outras paragens, entre elas o conceito e o termo *pastoral*.

Da minha primeira acção de formação sobre desenvolvimento pessoal e social, sobre orientação e discernimento vocacional, as participantes na avaliação, apesar de algumas serem irmãs superiores, professoras e formadoras, muitas delas fluentes em italiano, iriam dizer que os termos e conceitos exigiam mais diálogo e mais explicação e que tinham sentido dificuldades na língua portuguesa. Uma das razões é o escasso convívio com pessoas fluentes em português.

EXPOSIÇÃO A LUSO-FALANTES FACTOR DETERMINANTE

Na acção de formação no Seminário Maior, sobre os mesmos temas, os estudantes de filosofia e teologia garantiam não ter dificuldade com o português. Pela comunicação fácil, e muitas perguntas do diálogo, pareceu corresponder à realidade. A permanente exposição a luso-falantes fluentes na língua parece ser a explicação.

No dia 24 de Maio, em Laclubar, ao visitar e demorar-me numa casa que recebia a imagem de Nossa Senhora (dia da prática católica de convívio, partilha e oração no mês de Maio) verifiquei que um dos presentes convidou-me para junto dele, durante o lanche com toda a vizinhança. E falámos, falámos sobre Timor, o tempo dos indonésios, os deslocados forçados, etc., como se falasse com alguém de Trás-os-Montes ou das Beiras. Quando perguntei como falava o português com tanta facilidade, respondeu: “aprendi com os militares portugueses do quartel que os indonésios ali arruinaram”. Era o professor Raimundo Soares. Estávamos perante um luso-falante que aprendeu por exposição directa.

Um director de escola primária, Nicolau Lobato, mostrava dominar perfeitamente o português. Tinha aprendido com os portugueses da administração colonial. Fez questão de me mostrar a biblioteca da sua escola e dizer que ela fazia parte de um projecto-piloto. A sua escola dispunha do *luxo* de um razoável recheio de livros escolares em português. Não eram, porém, tantos que os pudesse emprestar para casa dos alunos, nem eles tinham condições em casa, luz, mesa, estante, para os levar e os usar em condições de os tornarem a devolver em boas condições. E teve logo o cuidado de manifestar a sua preocupação de que em quase todo o sub-distrito só esta escola dispunha de livros em português.

Tive outras experiências de fluência em português com vários adultos, alguns sacerdotes, não muitos, em Soibada, em Dili, etc. Tinham praticado com portugueses ou com outros luso-falantes fluentes.

Em algumas acções de formação, para contornar o deficiente domínio da língua portuguesa, recorreu-se à tradução e interpretação com circunlóquios em tétum. Num grupo de cerca de quatro dezenas de irmãs juniores e noviças (nível médio superior), mais que a tradução literal a Irmã

Provincial, Rosa Sarmiento, teve que traduzir e interpretar os conteúdos. A maioria tinha tido escola em indonésio.

Impressiona ouvir no discurso em tétum muitas palavras portuguesas com pronúncia tetizada. O tétum não dispõe de palavras para exprimir grande parte dos conceitos que eu ia expondo, e era preciso não só traduzir mas recorrer a explicações dos mesmos, com grande profusão de palavras em tétum, muitas delas tiradas do português.

CENAS DE LUSOFONIA NA MONTANHA E NA CIDADE

O estudante do 10.º Ano desejava saber o meu nome. Em vez de dizer Aires perguntei se conhecia o país Argentina para, através do nome da sua capital, dizer o meu nome.

Não tinha ideia do país Argentina. “E o Brasil, já ouviste falar?” Nada. “E o Japão?”, e não sei que mais. Fiquei um pouco na dúvida se a deficiência era de geografia, de português ou dos 24 anos da língua indonésia imposta.

Os conhecimentos de três estudantes finalistas da universidade em Ciências Políticas e Relações Internacionais, quer de português, quer de geografia, deixavam igualmente a desejar para as minhas expectativas. Mais pareciam conhecimentos do nível do 9.º Ano. Devido só ao ensino ou também ao isolamento e à carência de meios didácticos, livros, etc.?

Tentei, numa visita rápida ao *campus* da Universidade de Díli, pedir algumas informações a estudantes do liceu e logo esbarrei com dificuldades semelhantes.

Timor precisa de projectos de exigência e excelência para a formação não se ficar por um verniz sem consistência. E como motivar para a tal formação de excelência. E quem, se quase não há pessoas fluentes na lusofonia? E como, se os meios didácticos, livros, comunicações, etc. são muito escassos?

Num encontro de formação com um grupo de uns trinta sacerdotes da diocese de Baucau, no dia 3 de Junho de 2008, e noutra para igual número de irmãs, a avaliação trouxe surpresas. Alguns pediram que em futuras acções houvesse tradução em tétum.

Havia nos grupos algumas indonésias que me induziram por vezes a traduzir-me em inglês e explicar algumas expressões e conceitos.

Estes episódios ao acaso ajudam a compreender a situação real da instalação do português, do seu conhecimento e do uso em Timor.

DIFERENÇAS EM DOIS GRUPOS DE JOVENS

Em acções de formação mais prolongadas sobre desenvolvimento pessoal, social e orientação vocacional, com dois grupos de jovens com a escola secundária terminada, a experiência do uso do português foi diferente para cada grupo.

O primeiro, com mais de um ano de estágio como candidatos a Irmãos de S. João de Deus, em contacto com formadores estagiários portugueses e brasileiros, compreendiam razoavelmente o português. Os termos e conceitos do programa obrigavam, porém, o orientador a papel duplo: palestrante e professor de português.

Passadas três ou quatro sessões notavam-se progressos na comunicação em português embora a sua prática continuasse periclitante.

O segundo grupo estava a terminar o secundário e tinham tido limitado contacto com falantes de português, além de terem seguido a escola

em indonésio, como os anteriores. As dificuldades foram enormes e não foi possível o uso do português. Recorreu-se a intérprete de português-tétum para a maioria dos conteúdos.

A INFLUÊNCIA DA LITURGIA CATÓLICA

Os sacerdotes e orientadores de celebrações recorrem à solução de facilidade do tétum e, nalguns casos, a celebrações bilingues.

Durante a ocupação de Timor pela Indonésia esta língua tornou-se obrigatória por imposição, havendo um plano de a impor também nas igrejas. A Igreja Católica, porém, reagiu e antecipou-se com a preparação de edições de todos os textos litúrgicos em tétum e começou a usá-los nas igrejas, frustrando assim os propósitos dos ocupantes¹. Foi uma mais-valia nesse período, e agora um quase obstáculo à lusofonia prática. A lei do menor esforço joga a favor do tétum contra o uso do português nas igrejas. Para privilegiar a compreensão, o português foi quase excluído da liturgia, apesar de todas as igrejas disporem de livros nesta língua.

Tive oportunidade, ora de sofrer o obstáculo da barreira linguística, ora de verificar facilidade de comunicação. No dia 24 de Maio em casa do Professor Raimundo Soares, já referido, após um diálogo com ele, na sala armada em capela com várias imagens de Nossa Senhora, rezou-se o rosário em português com toda a naturalidade.

“No Dia da Criança, 1 de Junho de 2008, numa igreja de construção indonésia em Laclubar, presidi à missa com centenas de crianças, e mais ainda de adultos. Falei em português para as crianças mas o Irmão de S. João de Deus Vítor Lameiras traduziu em tétum usando-se um certo bilinguismo tétum-português. Repetiu-se a cena na capela de Aitara, Soibada, dia 8 de Junho de 2008; e na capela do *suko* vizinho de Manufahe; e ainda no centro de formação da Mana Lu, em Dare, dia 15 Junho de 2008. Já na Igreja de Motael, dia 29 de Junho de 2008, me pude descontrair sem constrangimentos: os participantes vão ali todos os domingos à missa em português por serem ou quererem ser lusófonos.”

Tenha-se em conta que a maior parte do vocabulário litúrgico vêm do português (latim) ou é mesmo português *tetizado*. Surpreende ouvir tétum com mais de metade de palavras portuguesas *mal* pronunciadas em todos os actos litúrgicos.

LÍNGUA PORTUGUESA, QUE MAIS-VALIAS?

O inesperado aconteceu. A Fretilin decidiu, de forma unilateral em tempo revolucionário, que o português seria a língua oficial de Timor; e o primeiro governo democrático de Timor independente com a Constituição de 20 de Maio de 2002, escolheu-a e anulou a tentativa, de facto consumado, de imposição do indonésio.

Houve razões para rejeitar o indonésio e a sua cultura muçulmana. Um dos lutadores pelo português foi o australiano Geoffrey Hull, um dos maiores especialistas das várias línguas timorenses. E declarou que defendia o português para Timor para defender o tétum, a cultura timorense e para evitar que Timor se tornasse “uma nação de amnésicos”.

¹ D. Martinho da Costa Lopes com a colaboração de vários padres, em especial o Pe. Alberto Ricardo da Silva, conseguiu que os missais fossem aprovados em 7 de Abril de 1881 (Mattoso, 2005: 104).

Algumas razões de conveniência do português vêm do facto de o tétum já ter muitos termos portugueses, e precisar de inserir continuamente outros para se tornar instrumento de cultura, história e ciências. No português encontra palavras da língua latina e grega muito ensaiadas e prenhes de riqueza conceitual, que pela sua fonética se harmonizam com o tétum. Palavras e fonética inglesas seriam um mau enxerto para enriquecer o tétum, por produzirem um enxerto híbrido cheio de desarmonias.

Mas temos outras razões para aceitar como vantajoso o português como língua oficial.

Uma está na necessidade de Timor se tornar país de referência da língua portuguesa naquela região, fazendo triângulo com Macau e Goa, apesar de certa hibernação em que a língua portuguesa se encontra em Goa.

Um nível de excelência no uso da língua portuguesa será, para Timor, uma notável mais-valia em relação a todo o Extremo Oriente para dialogar com Macau e Goa, como principais parceiros concorrentes da cultura lusófona em todo o Oriente.

Para isso a excelência na língua portuguesa como instrumento e veículo de todas as disciplinas e especializações de história, geografia, línguas locais e desenvolvimento, torna-se um imperativo incontornável. A maioria dos timorenses precisam de a falar e, um bom escol, de a dominar com grande competência.

Tive ocasião de verificar casualmente *in loco* a importância do português em vários países e regiões do Oriente: Malásia, Singapura, Vietname, Índia, Japão, Sri-Lanka... Para várias línguas da Índia, Sri-Lanka, Burma, Malásia, Indonésia, Tailândia, Vietname, Coreia, Japão, China, Filipinas, Austrália... o português é sempre uma referência linguística para o estudo de alguns aspectos da história, geografia, comércio, antropologia religiosa e cristã desses países. O estudo dos contactos de portugueses e das aportações do português a essas línguas e culturas, e dessas línguas ao português, constitui uma área e nicho de competência, saber e investigação internacional, em que Timor poderá ter igualmente um papel relevante, dentro de uma concorrência cada vez maior.

Não é possível investigar a história, a geografia e tantas outras disciplinas dessas regiões na sua perspectiva histórica, sem recorrer às fontes directas em português. Numerosa documentação e publicações corroboram esta afirmação. Nem basta fazê-lo através do inglês ou francês, que tantas vezes deformaram os dados históricos.

Só através das fontes primeiras e directas portuguesas será possível corrigir imprecisões e deformações intencionais de muitos dados relativos à história desses povos, veiculados casual e propositadamente por autores dessas línguas, culturas e ideologias concorrentes. A questão de quem primeiro descobriu a costa australiana e quando² é um dos exemplos paradigmáticos, mas não o único. A história de Malaca, no dizer do historiador Pe. Manuel Pintado, investigador com quem aí me encontrei e falei longamente em 1987, é outro exemplo. Dizia que “os ingleses andaram atrás de nós a apagar e deformar os factos em seu favor;

² Ver, por ex., Daehnhardt, Collingridge e Major (2009).

só com investigação das nossas fontes”, e mostrava-me vinte maços de documentação e textos organizados por ele. A verdade de alguns factos pode ser reposta³.

RAZÕES DE CULTURA, MEMÓRIA E RAÍZES DE IDENTIDADE

Outro grupo de razões situa-se na área mais específica da história do cristianismo e da evangelização católica. A identidade em construção, para as várias confissões cristãs do espaço alargado do Sudeste Asiático, está ligada ao português como instrumento de evangelização.

Nem se pretenda que este tema só tem a ver com a religião ou a fé cristã. Está ligado a mensagens de sentido humano veiculadas pela língua portuguesa desde o século XV e desde o XVI para a África, Brasil e para todo o Oriente. O português constitui também veículo significativo do *diálogo* inter-religioso no Extremo Oriente com o islão, hinduísmo, budismo, xintoísmo e religiões animistas.

Num certo sentido o tétum actual está para o indonésio, como o português dos séculos XII-XV estava para o castelhano. O tétum precisa sempre mais de palavras do português, e por este do latim e grego, como o português as ia buscar ao latim e por vezes ao francês. O fenómeno de *tetização* de palavras portuguesas vai ser um processo continuado de consolidar a identidade.

É incrível que pelo Oriente algumas pessoas, com certa formação, desconhecem as raízes portuguesas da sua cultura e da sua história religiosa e missionária. Ainda em 2008 o verifiquei no Vietname em pessoas com formação superior na área da Igreja Católica, que desconheciam quem primeiro lhes levou o cristianismo. A *profundidade histórica* do povo timorense e do tétum é outra razão a favor do português em Timor. Algumas pessoas falam quase como se os seus países não tivessem mais história além da que escreveram ingleses, holandeses e franceses, fazendo tábua rasa da que foi escrita antes pelos portugueses desde o século XVI.

UMA PONTE PARA AS CULTURAS ANTIGAS E LÍNGUAS DA REVELAÇÃO

Os países do Oriente, que não tiveram história escrita para além de uma certa oralidade imprecisa, carecem de um instrumento linguístico de representações e memórias até aos tempos e culturas romanas, gregas, egípcias...

A colonização indonésia, de um islão mais tolerante que nos países do fundamentalismo, pressionava os timorenses a escolher uma de quatro religiões. Essa tática aliciante não resultou. Os timorenses como que responderam “já temos a nossa religião católica”.

A religiosidade timorense muito animista, de símbolos medianeiros e salvadores de reparação redentora, por entregas sacrificiais *eucarísticas* substitutivas e refeições sagradas, ligadas a pertenças sagradas de família, *casa sagrada*, *fontes sagradas*, *animais sagrados*, *montanhas sagradas*, deu em 25 anos, paradoxalmente, um salto significativo. Acabado o *tempo*

³ Não deixa de surpreender que o Senegal, a Guiné Equatorial, as Ilhas Maurícias e o Marrocos se mostrem interessados em algum tipo de associação com os países da Comunidade de Língua Portuguesa (CPLP).

indonésio o país, livre e independente, detém a mais alta percentagem de católicos no Oriente, cerca de 90%.

Este facto coloca a identidade dos timorenses ligada à fé cristã católica e à história dela. Daí a conveniência de dispor da ponte da língua portuguesa para as raízes greco-latinas. Pelo seu carácter greco-latino-cristão, e pela sua história de evangelização, o português é, em certo modo, uma língua *bíblica de revelação*.

Ao domínio da língua portuguesa, liga-se o enriquecimento do tétum. Língua de termos concretos justapostos sem tempos dos verbos, sem termos para conceitos e ideias abstractas, filosóficas, como outras línguas do Extremo Oriente. O tétum precisa de se associar a uma língua mediterrânea caldeada de latim, grego e termos bíblicos. O português é veículo de história, datas, períodos, séculos, antes e depois de Cristo já associado à cultura timorense. No português encontra-se a dimensão de profundidade histórico-filosófica que falta ao tétum e outras línguas do Extremo Oriente.

Neste sentido uma língua como o português, ligada à cultura clássica e cristã, à história da Igreja Católica, de raízes mediterrâneas, pode reforçar a identidade timorense já presente no seu povo.

Está impregnada de cultura *latina*, romana, *grega* e *hebraica*, quanto baste, em que Jesus Cristo nasceu hebreu, viveu e falou no tempo de Herodes; padeceu, morreu e ressuscitou sob Pôncio Pilatos; teve os apóstolos e discípulos que se expandiram pelo império greco-romano, falando as línguas francas do Mediterrâneo: grego e latim, primeiro o clássico e depois o latim militar e o medieval até chegar às neolatinas actuais, de que o português faz parte.

Timor, pela terminologia latina, pelo português e pelo tétum com milhares de conceitos e palavras portuguesas *tétizadas*, dos missionários partidos de Lisboa, bebeu muito da cultura do Mediterrâneo; e ao tomar consciência disso pode revigorar a construção da sua identidade com o domínio do português falado e escrito e a leitura dos conteúdos acessíveis nesta língua.

A língua portuguesa (*latina*) pela sua história de contactos nos descobrimentos e na cristianização inicial de quase todo o Oriente, pode colocar Timor em posição de competência privilegiada na investigação histórica.

Algumas dessas línguas orientais começaram a ser escritas por missionários portugueses ou outros, idos da Europa nas suas naus: os primeiros catecismos e dicionários foram escritos em português e a partir do português, a língua franca mais generalizada no Índico-Pacífico durante 150 anos⁴.

⁴ O Pe. Sebastião Maria Apparício da Silva escreveu *Catecismo da doutrina cristã* (1885) em português e tétum, o primeiro em língua tétum (...). Escreveu também o primeiro dicionário português-tétum. A elaboração destas obras evidencia bem o seu espírito de missionário e de estudioso, como o apresenta o Pe. Manuel Teixeira. Trabalhou em Timor de 1877-1910, com alguns anos de interrupção, por ter pedido e conseguido entrar na Companhia de Jesus em 1891 (Teixeira, 1974).

VERIFICAÇÕES CONCLUSIVAS

- i. A saída dos missionários em 1834 e 1910 reduziu a exposição dos timorenses a luso-falantes e atrasou a disseminação do português em Timor.
- ii. A exposição a luso-falantes que dominem o português é o factor base da luso-fonização, mediante:
 - Interacções múltiplas no terreno entre luso-falantes imigrantes/cooperantes e timorenses não luso-falantes; não apenas nas escolas, mas fora delas, na vida diária;
 - Maior número de estudantes timorenses em países de lusofonia que regressem a Timor com o domínio do uso da língua portuguesa e que vão interagir intensivamente com os seus co-nacionais. A lusofonia avançará pouco com cooperantes de gabinete que não interajam intensivamente com os timorenses. A exposição interactiva é fundamental.
- iii. A competência e mestria na língua portuguesa para os timorenses é imprescindível:
 - Como instrumento para adquirir profundidade identitária que enlace as suas raízes e as culturas marcantes do mundo romano, grego e bíblico, uma das matrizes seculares da sua própria identidade em consolidação; e
 - Como instrumento indispensável para desenvolver a visão histórico-cultural da identidade única de Timor-Leste no espaço Ásia-Pacífico.

83

Apêndice: Relato resumido de contactos, formais e informais, acções e observações de 20 de Maio a 29 de Junho de 2008 em Timor-Leste feitos por Aires Gameiro. (A negrito o nome de lugares onde o autor passou e em itálico referências ao uso da língua portuguesa ou outra).

Maio: Dias 20-23 – Lisboa-Timor com noites no avião e em Bali; **Dia 23** – No aeroporto surpresa de um estudante universitário com *dificuldades em se exprimir em português*; **Dia 24** – Rumo a **Laleia** para um encontro do projecto Pastoral da Criança com delegados da UNICEF e cerca de vinte e cinco participantes liderado pela Irmã Ivanilda. Nas discussões predominava o *tétum* e o *português* com *mistura de inglês*. Após o almoço volante com os delegados da UNICEF, um da Nigéria e outro do Nepal, partida para **Manatuto** e **Laclubar** a 50 kms na montanha. Paragem em **Manatuto** para cumprimentar o Pe. Mário junto à Igreja, com boas vindas "*à terra do massacre e do incêndio da casa paroquial*". Pela cidade muitas ruínas. Em **Laclubar** visita casual a casa em festa com imagem de Nossa Senhora e *conversa fluente em português* com o anfitrião Prof. Raimundo Soares. **Dia 25** – *Missa em tétum* na igreja paroquial com o Pe. Francisco Xavier Sequeira. Muito *canto e longa homilia em tétum*. Visita ao mercado local e algumas fotos. Partida em Anguna (carrinha de passageiros de toldo) *conversando em português com o condutor* até **Manatuto e de ali para Lecidere, Bidau Santana e Becora, (Díli)** em jipe com Ir. Hospitaleiro José António, brasileiro.

Dias 26-30 – Encontros de *formação em português* com Irmãs Canossianas e outras; e outro com Irmãs Juniores de várias congregações *em português com tradução para tétum*. **Dia 28** – Encontro com o Sr. Bispo D. Alberto Ricardo, o Pe. Monteiro de Goa, há 50 anos em Timor e o Pe. John de Adelaide (Austrália). Sessão de formação no Seminário Maior para 80 estudantes *em português*. Presentes o Perfeito de Estudos, Dr. José Barreto Martins, leigo, o Pe. Mariano Soares, o Pe. Domingos Alves e o Director Espiritual o Pe. Silvestre Horier, jesuíta japonês que viveu longos anos no Brasil. De tarde visita à Igreja de **Motael** com placa em que se refere que é dedicada ao Rei de Motael. Visita à Sé, à Telecom, à **Praia da Areia Branca** e ao monumento a **Cristo Rei** e ali conversa com policial das NU natural de Changai. **Dia 30** – Almoço convívio em português na casa das Canossianas em **Balide** de celebração dos 200 anos da Congregação. Encontro com os dois padres da Pastoral da Juventude: o Pe. Dionísio Sarmento, da diocese de Baucau, e o Pe. Ângelo Salsinha da diocese de Díli, ambos a preparar a ida dos jovens às Jornadas da Juventude a Sidney. **Dia 31** – **Laclubar**, missa com três casamentos; convite para banquete de um deles em barracão improvisado para trezentos convidados. Protocolo de rigor com cumprimentos aos noivos, discursos, serviço, música, licença para se ausentar; ritual de os noivos beberem o champanhe... dança em que noiva não se pode negar a dançar com todos por breves momentos. Tudo pela noite adiante. **Dia 1 (Domingo)** – Missa do Dia da Criança *em português* com evangelho encenado e com *tradução da homília para tétum*. **Dia 2-3** – *Missas em português* para Irmãos de S. João de Deus, Irmãs, candidatos e outras pessoas. Pelas 11H00 do dia 2 observação dos jogos na escola primária promovidos pela Dr.^a Alexandra, voluntária da Juventude Hospitalreira. Centena de crianças, corridas de sacos, etc. Longa conversa em português com o director da escola, Nicolau Lobato, com visita à biblioteca da escola. *Bastantes livros escolares em português*, mas das do sub-distrito é a única que os têm. Falámos sobre um possível projecto de excelência na escola para combater os horizontes fechados de **Laclubar**. No livro de visitantes deixei uma curta síntese da ideia do projecto-piloto de que tínhamos falado. Após o almoço descida para **Baucau** com o Irmão Hospitalreiro Vítor Lameiras. Em **Manatuto** café em *casa dos professores cooperantes portugueses*. Visita à casa de formação das Irmãs Concepcionistas portuguesas em **Vemasse** e à Igreja paroquial, rodeada de edifícios incendiados e destruídos. **Dia 2** – Jantar com os Padres da Casa do Clero em **Baucau**, dormida no Planalto na Albergaria da Diocese, à defesa contra mosquitos, água intermitente, luz, ar condicionado e recurso às vasilhas. **Dias 3-4** – Encontros de *formação em português* com sacerdotes e irmãs da diocese de **Baucau**, visita à Gráfica da Diocese e às Irmãs Vitorianas portuguesas, ao Instituto de Formação de Professores Primários à responsabilidade de Irmãos Maristas australianos onde ensina uma Irmã Vitoriana, a Irmã Alda, e estudam dois bolseiros de S. João de Deus de **Laclubar**. A escola é da diocese e está com dificuldades de acreditação *por deficiência no português*. Conversas à mesa durante estes dois dias com alguns padres *sobre questões linguísticas*. **Dia 5** – **Lautem**. Visita a forte arruinado dos tempos dos portugueses; visita a **Moro e Parlamento**, onde trabalham Irmãs Concepcionistas, uma da Bajouca, Pombal. Café na casa em que vivem de um timorense refugiado em

Atambua por receio devido a estar implicado em incidentes políticos. Visitámos as duas Irmãs timorenses em actividades junto de olhos de água impressionantes, com grupo de crianças também de olhos esbugalhados a rir para nós sentadas no chão, algumas a comer paparoca de marmitas trazidas pelas Irmãs, pois para muitas o cuidado essencial é matar-lhes a fome. Neste *suko fala-se outra língua diferente do tétum*. A Irmã Célia diz que há uma *certa resistência ao português* e que evangélicos do Sri-Lanka se oferecem para dar *cursos grátis de inglês*, talvez financiados por australianos. Seguimos para **Com**, porto de mar, parado (vazio), construído por indonésios e complexo turístico com raros clientes australianos; passando ao lado da Escola Agrícola dos Salesianos, almoçando em **Lospalos** em restaurante “elementar”, o *Esperança*, por dois dólares e meio. Visita ao mercado, Igreja dos Salesianos, antigo edifício do administrador português. Ruas largas, posto da UNICEF, Missão evangélica. No regresso parámos em **Laga** para ver a Igreja de S. João Bosco. Em **Manatuto** o Irmão Vítor carregou um saco de arroz por 16,50 dólares quando no comércio livre custa 30! Que levou para **Laclubar** a cerca de mil metros de altitude. **Dia 6** – Missa da primeira sexta-feira para mais de 70 pessoas do Apostolado da Oração e sessão de formação com os aspirantes comunitários das 9 às 12H00. **Dia 7** – Primeiro sábado do mês grupo rezou, por sua iniciativa, o terço em português na igreja seguido de missa também em português. Às 11H00 distribuição de kits de higiene do projecto *Educação para a Saúde* aos alunos da 1.^a e 2.^a classe na escola primária. Este projecto é iniciativa da Juventude Hospitalreira em parceria com a FEC (Fundação para a Evangelização das Culturas) e com o IPC (Instituto Português para a Cooperação). De tarde celebração de seis baptizados (três adultos e três crianças já grandes) seguidos de missa com dois casamentos num dos quais se casou um dos baptizados. **Dia 8** – Domingo. Peregrinação a **Soibada** e ao **Santuário de N.^a Sr.^a da Aitara**. Passagem por **Manelima**, terra do falecido governador Abílio Osório Soares. Em **Soibada** visita à velha casa, colégio e igreja dos Jesuítas (1897 e 1904), hoje residência e igreja paroquial; e ao colégio das Irmãs Canossianas, hoje orfanato com as Irmãs Dominicanas do Rosário (três timorenses e uma filipina). Celebração na capela de **Aitara** no alto da colina com grupo de crianças *com homilia traduzida para tétum*; almoço-convívio com o Pe. Abel e no regresso celebração da missa dominical *bilingue* em **Manufahi**. **Dias 9-12** – Choveu torrencialmente toda a semana. *Sessões de formação aos Aspirantes Comunitários em português-tétum*; e a técnicos em **Laclubar**. **Dia 13** – Missa de Santo António em **Laclubar**; às 10H00 descida para Díli, visita ao **Cemitério de Santa Cruz** e à casa das bolseiras da JH fazer oferta monetária *para livros em português*. Conversa com Professor Mário sobre a situação indefinida de Timor, desejo dos timorenses que as agências internacionais não saiam de Timor, para estarem mais seguros e as casas de aluguer, restaurantes, lojas, etc. terem fonte de receita. **Dias 14-15** – Em **Dare** encontro de formação no Centro de retiros da Mana Lu, com os Aspirantes familiares Bentolino, Vicente, Vitorino e Amândio sobre desenvolvimento pessoal, construção de identidade, conhecimento pessoal e discernimento vocacional. Com o apoio *de tradução e interpretação do Irmão Vítor por não dominarem o português e o vocabulário*. Missa dominical do dia 15 para a comunidade

e formandos do centro, *em português com tradução da homília pelo Irmão Vítor*. **Dia 15** – No regresso, visita a **Casa de Retiros e Igreja de Dare**. Fotografia do Palácio do Presidente a ser restaurado por Portugal, visita à Igreja de **Belide** cheia de recordações e memórias de um seu pároco, natural de Goa, e ao **Mercado Lahane**. Conversa com os bolseiros de S. João de Deus, Afonso e Hércules, sobre projectos de excelência que os bolseiros poderiam eventualmente promover entre eles. **Dia 16** – Ida ao banco australiano e compras com o Irmão Vítor em **Díli**. Regresso a **Laclubar**. **Dia 17-19** – Em **Laclubar** oriento, em português, retiro ao Diácono Domingos Gusmão. Sessões de formação sobre crenças animistas e sincretistas relacionadas com doenças/curas, casa sagrada, fontes sagradas e “*matan dok*” (curandeiros) com os Aspirantes Isaías, Bonifácio e Elvis, para recolha casuística da sua experiência vivida e inseri-la nos temas de formação e num eventual livro-relatório. **Dia 18** – Visita ao **Suko Batara** e participação em sessão do projecto Educação para a Saúde, distribuição de ferramentas agrícolas do projecto japonês. Subida sozinho ao **monte Maubere** e visita ao cemitério aí implantado (três horas de passeio). **Dias 20 (6.ª feira) a 22 (Domingo)** – Ida com Aspirantes e 6 Irmãs para retiro em **Maubara (Liquiçá)** nos dias 19, 20, 21 e 22. No regresso visita ao monumento ao Papa João Paulo II em **Tassi Tolu**, inaugurado em 15 de Junho de 2008. Visita ao local da residência do Presidente Dr. Ramos Horta, onde ele sofreu o atentado no dia 11 de Fevereiro de 2008. **Dia 23 (2.ª feira)** – Crise de gripe ligeira motiva passagem pela clínica portuguesa em **Díli**, em que nesse dia não havia enfermeira, e o médico tinha ido a Portugal; na farmácia não havia o medicamento procurado e um banco não aceitava cartão Visa internacional. Visita à Sé, mercado, papelaria, aos Salesianos em **Comoro** e sua gráfica. Encontro com o Pe. Rolando, filipino, um entendido em medicinas naturais, que ofereceu uma dúzia de livros e opúsculos em tétum para **Laclubar**. Ida a loja de Internet; jantar com as voluntárias Florbela e Alexandra na esplanada da praia de um restaurante para comer peixe assado do dia. **Dia 24 (3.ª feira)** – Cumprimentos ao Sr. Embaixador João Nugent Ramos Pinto e ao Dr. Miguel Noronha Levy com as voluntárias Alexandra e Florbela para apresentar o projecto S. João de Deus Saúde Mental de **Laclubar**. Oferta do meu livro *Lusofonia e Identidade na Diáspora*. Troca de impressões, principalmente na área da psiquiatria. Missa em português da Festa de S. João Baptista no Noviciado das Irmãs Concepcionistas em **Bécora** com o Irmão José António, a Florbela e Alexandra, a convite da Irmã Alice, Mestra de Noviças, natural de Alvados, Porto de Mós. Visitámos com a Irmã a sua nova casa do noviciado na estrada de **Ermera** em **Tibar** e, a uns dois quilómetros, a casa de formação dos Capuchinhos. À noite jantar de despedida do Pe. Francisco Xavier Sequeira, pároco de **Laclubar** que vai para Roma estudar por dois anos. Breve conversa na mesma esplanada com Ruben Davies que está em Timor, num projecto de análises clínicas no Hospital Remexio, custeado pelas Irmãs de S. João de Deus de Austrália de Ballarat (já visitadas pelo autor). **Dia 25** – Visita ao *Espaço Xanana*, Arquivo e Museu da Resistência Timorense, Universidade Nacional, ao Liceu. Jantar, a convite do major português Pedro Alminhas dos Reis, instrutor no quartel de **Matinaio**, com longa troca de impressões sobre a situação e identidade de Timor. **Dia 26** – Missa e jantar na casa noviciado dos Capuchinhos, em **Motael**, com o Pe.

Pedro, brasileiro, o Irmão José Luís, do Livramento, S. Miguel, e 15 estudantes de teologia, seis dos quais de Oe-cussi. **Dia 27** – Missa na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em **Becora** com o Sr. Bispo D. Alberto e envio dos 300 jovens que vão participar na Jornada da Juventude em Sidney, sendo crismados três deles; de tarde partida para **Manatuto e Baucau**. **Dia 28** – Em **Quelicaí participação na celebração** da ordenação do Diácono Domingos Gusmão, em cenário de sonho, tendo por fundo o Monte do Homem Morto. Banquete com presença do Presidente Dr. Ramos Horta, com quem falei informalmente durante o almoço. **Dia 29** – Missa festiva de S. Pedro e Paulo na abertura do Ano Paulino *em português*, como é habitualmente, na Igreja de **Motael**, em que presidi. Despedidas e partida rumo a Bali e Vietname.

REFERÊNCIAS

Daehnhardt, Rainer, George Collingridge e Richard H. Major (2009). *Segredos da descoberta da Austrália pelos portugueses*. Sintra, Zéfiro.

Mattoso, José (2005). *A dignidade, Konis Santana e a resistência timorense*. Lisboa, Temas e Debate.

Silva, Pe. Sebastião Apparício da (1885). *Catecismo da doutrina cristã*. Macau, Typographia do Seminário (*East Timor Sebastiao da Silva. mht. [26-07-08]*).

Teixeira, Pe. Manuel (1974). *Macau e a sua diocese. X. Missões de Timor*. Macau, Tipografia da Missão do Padroado.